



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

RUBIANI HELVIC KLUG

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-425

Entrevistada: Rubiani Helvic Klug

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Câmara de Vereadores de Pelotas

Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras e Suellen dos Santos Ramos

Data da entrevista: 30/05/2014

Transcrição: Natália Bender

Copidesque: Suélen de Souza Andres

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 18 minutos e 38 segundos.

Páginas Digitadas: 7 páginas.

Observações:

Entrevista produzida para o Programa Mulheres e Futebol desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Iniciação esportiva; Opção de ser goleira; Ligação com o futebol; Relação com os meninos; Transição do campo para o gol; Transição da escola para o time do Pelotas; Convocação para a seleção; Chegada ao Rio de Janeiro; Rotina de treinos; Contato com a treinadora da seleção; Treinamento específico; Opinião da família a respeito da sua escolha; Dificuldades; Ajuda de custo; Competições; Momento marcante da carreira; Projeto Sub-17; Frustração; Ídolos; Maior sonho dentro do futebol; Mudanças depois da convocação; Desigualdade entre o futebol feminino e o futebol masculino, Considerações finais.

Pelotas, 30 de maio de 2014. Entrevista com Rubiani Helvic Klug a cargo das pesquisadoras Pamela Siqueira Joras e Suellen dos Santos Ramos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. – Rubiani, gostaria que tu nos contasses um pouquinho como é que foi teu início, o primeiro contato com o esporte, como tu começaste?

R.K. – Primeiramente comecei a jogar na escolinha da própria escola onde eu estudava, com o professor Brechane¹ que é arbitro de Futsal da FIFA². Jogava só com os guris porque não tinha nenhum time feminino. Normalmente é assim que as gurias começam, me lembro da primeira vez que fui jogar, tirava a bola dos guris do meu próprio time. Eu não tinha nem noção, assim eu comecei a jogar na linha, era pivô.

P.J. – Futsal?

R.K. – Futsal, comecei no futsal.

P.J. – Tu lembra que escola era essa?

R.K. – Alfredo Simon³, a mesma que estudo até hoje. O começo foi bem difícil, os guris ficavam falando: “Ah, porque tu não joga nada”, isso é preconceito. Falavam: “Ah, não, não vamos deixar ela jogar porque ela é guria”. Quando comecei a jogar não era tão boa, fui aprendendo, chegando a conquistar o mesmo espaço dos guris, chegando ao mesmo nível deles. Em 2010 minha mãe comentou: “Vai começar uma escolinha de futebol feminino no Pelotas⁴”, fiquei ansiosa, esperava, esperava e nunca ligavam dizendo quando iria começar. Depois de algum tempo o Marcos⁵ ligou dizendo que ia ter uma escolinha de futebol no Pelotas todas as quintas e me explicou tudo como iria ocorrer. Fiquei muito empolgada, nos treinamentos iniciei jogando na linha, depois de duas semanas estávamos

¹ Nome sujeito a confirmação.

² Fédération Internationale de Football Association.

³ Colégio Sinodal Alfredo Simon – Pelotas (RS).

⁴ Esporte Clube Pelotas.

⁵ Marcos Planela Barbosa, treinador do Esporte Clube Pelotas.

sem goleira, foi então que decidi ir para o gol. Todo mundo fala que goleiro é uma posição difícil, ingrata, que quando tu tomas gol, falam mal e quando faz uma boa defesa, ninguém elogia. Mas eu gosto de ser goleira e tenho orgulho disso.

P.J. – E qual tua idade quando tu começaste a jogar?

R.K. – Seis anos. Comecei no ano 2006.

P.J. – Tu começaste direto na escola, tu não jogavas, brincava na rua?

R.K. – Jogava direto com os guris na rua, fazíamos joguinhos no meio da rua e desde pequenininha sempre gostei. Meu pai jogava futebol da colônia e eu sempre acompanhava os jogos. Sempre fui muito ligada ao futebol.

P.J. – E quando tu jogavas na rua, como era a tua relação com os meninos?

R.K. – A rivalidade era igual à escola, é uma guria: “não dá bola que não vai fazer diferença no time”. Comecei a desenvolver o meu futebol e de repente: “Oh, a Rubi lá, não vamos jogar contra ela, porque ela joga bem”, algumas coisas assim. Conquistar espaço no meio dos guris para mim foi muito gratificante.

P.J. – Como foi sair da linha e ir para posição de goleira, foi uma decisão tua ou teve alguma influência?

R.K. – Foi uma decisão minha e o meu pai até falou: “Não, mas tu joga bem na linha, não vai para o gol”. E a mãe: “Não, mas deixa ela ir para o gol, se ela quer ir para o gol, a decisão é dela.” E quando fui para o gol, *bah...*gostei! Comecei a jogar como goleira no Pelotas e continuava na linha no Simon, na escola, depois de algum tempo passei para o gol também. Até a convocação eu não tinha contato com o campo, então veio o pessoal da CBF⁶ e o Marcos falou: “vamos jogar campo”. Estava com doze anos, em 2012, fiquei apavorada porque o gol do campo é duas vezes maior que o de futsal, mas no fim foi tranquilo, foi uma baita experiência.

P.J. – E como foi tu sair da escola e ir para o Pelotas, tu sentiu alguma diferença nos treinamentos?

R.K. – Ah, sim! Com o Pelotas eram só gurias, outro nível, outra convivência. É muito diferente jogar com os guris, pelo porte físico, o desenvolvimento é bem mais apropriado. Não é que futebol é para guri, mas o guri tem mais facilidade para jogar, foi uma diferença grande, mas acrescentou bastante na minha vida.

P.J. – Tu sentias que era mais difícil de jogar com os guris então?

R.K. – Sim, sim, sim.

P.J. – E o teu treinamento no Pelotas, até a tua convocação, como é que foi essa seleção, tu lembras aonde foi, como foi à peneira e como tu te saíste naquele dia?

R.K. – Para a seleção o Marcos comentou que viriam quatro pessoas relacionadas a CBF, para nos observar e fazer um peneirão. Ocorreu no parque Lobão, em um domingo de manhã, e participaram muitas gurias. Foi bastante comentado na cidade e entre a gente, como eu era a goleira, até os guris estavam brincando: “Ah, não sei o que, vamos para o Rio, não sei o que”. Depois de uma semana, comecei a pensar que não iria dar em nada, só que o Marcos já sabia que eu tinha sido convocada, mas não podia comunicar por motivos internos da CBF. Um dia eu estava voltando da escola e a mãe falou: “Bah, o Marcos ligou e tu foi convocada para a seleção”. E eu: “Meu Deus!”. Foi um sonho, demorou uma semana e na segunda viajei, foram só eu e a Luana⁷, fomos sozinhas. No Rio de Janeiro nos receberam muito bem.

P.J. – De Pelotas foram só vocês duas?

R.K. – De Pelotas foi só nós duas.

⁶ Confederação Brasileira de Futebol

⁷ Nome sujeito à confirmação.

P.J. – E chegando lá qual foi a primeira impressão? A chegada ao centro de treinamento.

R.K. – Foram cinco gurias aqui do Rio Grande do Sul. Primeiro fomos de Pelotas para Porto Alegre. Então pegamos o vôo direto para o Rio e lá umas pessoas relacionadas a CBF estavam nos esperando. Depois pegamos um ônibus que demorou umas duas horas até Teresópolis, ficamos hospedadas há uns dez minutos da Granja Comary, a gente ia treinar e voltava. Treinava de manhã, de tarde, era um ciclo normal de treinamento.

P.J. – E como era o ambiente lá onde vocês ficavam. Vocês ficavam todas juntas, como é que era a relação entre vocês jogadoras?

R.K. – Não. O hotel era perto e, primeiramente, a gente ficou dividida em quartos de três pessoas, daí depois liberou mais quartos e ficamos em duas. Casualmente eu e a Luana no mesmo quarto, as refeições eram com horário marcado café da manhã, o almoço, e o lanche da tarde que era feito lá na Granja, a janta e depois a ceia, mas tinha horário para acordar, horário para dormir, tinha estabelecido assim uma rotina, nós não conversávamos muito entre nós no horário de folga, o treinamento era muito sério e eu tinha mais amizade mesmo era com a Luana.

P.J. – Quanto tempo vocês ficaram lá?

R.K. – Ficamos treze dias.

P.J. – E o contato com a treinadora, como é que era a parte do treinamento físico, técnico, tático?

R.K. – Eu não tive muito contato com a Emily Lima, que foi a nossa treinadora, só quando tinha exercício de chute a gol. Meu contato foi mais com o treinador de goleiro, adquiri bastante experiência com as outras gurias, de vários estados, foi tri legal.

S.R. – Tu tiveste algum treino específico antes de ir para a seleção, como goleira?

R.K. – Antes de ir não. De vez em quando o Marcos pegava um tempinho do treino do Pelotas no futsal e fazia um específico comigo, mas assim, em específico no campo eu não tive.

S.R. – Então o primeiro contato que tu tiveste com o treinador de goleiro e especificamente.

R.K. – Foi na seleção.

S.R. – E tu sentiste dificuldade na transição do futsal para o campo, e ao mesmo tempo de ter um treino só para ti? O que tu achaste disso?

R.K. – Eu achei bem legal, centralizado, tu podes trabalhar as bases, os exercícios específicos, melhorar os fundamentos, a minha técnica. Teve muita diferença, porque as técnicas do futsal e do campo são bem diferentes. Algumas coisas no campo eu não sabia fazer e ficava perguntando, ficava apavorada: “Ah, não vou conseguir fazer, não vou conseguir fazer”, nos últimos dias eu já estava fazendo quase tudo.

P.J. – E como foi à reação da tua família com o fato de tu jogares futebol e querer seguir essa carreira?

R.K. – A mãe me apoia desde pequena, já dancei, já fiz CTG⁸, fiz várias coisas, mas desde pequena o futebol sempre me chamou atenção e a mãe falou: “Vai Rubi, quando vê dá alguma coisa”. Ela sempre me apoiou e ninguém foi contra a minha escolha.

P.J. – E em relação a tua ida para a Granja Comary, como é que foi a reação da tua família em tu ir sozinha?

R.K. – Aceitaram numa boa, a mãe falou: “Bah, vai ser uma baita oportunidade para ti, tu é bem novinha...”. Ficamos muito surpresos com essa novidade, no começo a gente ficou um pouco apreensivo, mas também muito feliz.

P.J. – E nesse pouco tempo que tu tem jogado futebol, tu sentiste alguma dificuldade?

R.K. – Não. Dificuldade assim tem o preconceito, mas acho que a força de vontade supera isso. E desde pequena, no início, teve bastante dificuldade até pelo nível dos guris ser diferente do meu, mas em um ou dois anos eu já estava me habituando ao ritmo e aos treinamentos.

P.J. – E tu recebeste algum salário ou ajuda de custo para treinar, competir?

R.K. – Só quando fui para a seleção eu recebi uma ajuda de custo.

P.J. – Tu lembras o valor que tu recebeste?

R.K. – Novecentos reais em treze dias de treino.

P.J. – Em quais competições que tu participaste? Chegou a competir pela Seleção?

R.K. – Competições só entre escolas e coisas do tipo JEPEL⁹, mas eu não joguei só futsal, joguei vôlei. Acho que para goleiro ajuda bastante o tempo de bola, impulsão, mas só essas competições entre escolas. Joguei também o campeonato colonial, que foi citado na palestra, joguei pelo Guarani, e depois entrei para o Sub-17 do Pelotas. Um projeto que tá nos ajudando bastante esse ano.

P.J. – E pelo Pelotas tu não competiste ainda?

R.K. – Com o Pelotas, competição mesmo não. Só joguei um amistoso quando estava na escolinha. Como fui para a seleção, comecei a treinar com o adulto, para me preparar melhor, e no final do ano fizemos dois amistosos, mas competição mesmo acho que vou jogar esse ano.

P.J. – Tem algum fato que tenha marcado a tua carreira?

⁸ Centro de Tradições Gaúchas.

⁹ Jogos Escolares de Pelotas.

R.K. – Quando comecei com os guris e todo mundo falava: “Ah, porque uma guria jogar futebol isso é estranho, é diferente”. E eu: “Ah, mas eu vou continuar, vou continuar jogando, vou continuar jogando” e fui para o Pelotas e me identifiquei: “Bah, vou ser goleira”. Fui evoluindo, mesmo tendo começado com os guris, acho que isso foi bem motivante, até pelo ritmo diferente, me deu uma condição melhor. A evolução deles também é diferente, e eu os tinha como exemplo tendo como base o que eles faziam. O futebol, não é que é masculino, mas o futebol deles é melhor e usava-os para melhorar a minha técnica como goleira.

P.J. – E tem alguma coisa que foi muito emocionante, além da tua convocação para a seleção, que tenha te marcado?

R.K. – Foi quando o Marcos proporcionou esse projeto sub-17 no Pelotas, antes ele dava mais ênfase para o adulto, e eu pensava: “Bah! vai demorar um monte até eu chegar ao adulto”, e queria muito jogar campo, e quando ele propôs essa oportunidade do sub-17 eu fiquei tri feliz.

P.J. – Aconteceu alguma coisa no futebol que tenha te deixado chateada, frustrada em relação ao esporte?

R.K. – Não, só o início quando os guris falavam: “É, porque uma guria jogando futebol, não pode” ou “Tu não vai, não vai acontecer nada contigo, tu é muito ruim” eles me desprezavam, eu ficava muito triste com isso, mas ao mesmo tempo aquilo me motivava a seguir e querer melhorar.

P.J. – Tu tens algum ídolo no futebol, alguém em quem tu te inspiras para ser goleira?

R.K. – Tenho alguns goleiros, o Marcos falou que a gente tem como ídolos homens, mas igual, acho que tem diferença. Meus ídolos são Júlio César¹⁰, o Muriel¹¹ que era do Inter¹²,

¹⁰ Júlio Cesar Soares Espíndola.

¹¹ Muriel Gustavo Becker.

¹² Sport Club Internacional.

o Grohe¹³ que é do Grêmio¹⁴, tenho como ídolos em função da técnica, a base deles pode ser diferente da minha, mas o potencial e o dom que eles tem para mim chama atenção.

S.R. – E goleira? Tu conheces?

R.K. – Andréia Suntaque.

P.J. – Tem alguma coisa que a gente não perguntou e tu gostarias de comentar?

R.K. – Não.

P.J. – E qual o teu maior sonho no futebol?

R.K. – Já cheguei uma vez à seleção, acho que não fiz o meu melhor, até por ser a minha primeira convocação, eu não estava muito ligada, não estava vendo aquilo como uma oportunidade, não fiz tudo o que podia. Esse ano eu quero me dedicar mais, crescer na posição, e tentar mais uma vez chegar à seleção.

S.R. – Tu foste convocada uma vez, certo? Ano passado?

R.K. – Isso. Ano retrasado.

S.R. – O que mudou depois dessa tua convocação, em relação aos teus treinos e na tua rotina, na tua vida diária?

R.K. – Os treinos mudaram depois que fui convocada, o Marcos me convidou para jogar com o adulto, mudou a rotina, porque sentia diferença de ter uma alimentação saudável, fazer exercícios todos os dias. Entendi que para ser uma atleta tem que ter uma rotina correta e disciplinada.

¹³ Marcelo Grohe.

¹⁴ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

P.J. – E tem alguma coisa no futebol das mulheres hoje que se tu pudesses modificar, tu modificarias?

R.K. – O apoio, o patrocínio, a visão da mídia, para ter uma melhor repercussão, todo mundo fala do futebol masculino, mas tem uma Copa do Mundo feminina e ninguém sabe, ninguém presta atenção. Se passar na TV vão mudar de canal, porque ninguém se interessa. É algo que desprezam, cobram muito do Brasil a medalha de ouro, mas não sabem a dificuldade que a gente passa até chegar lá, e a dificuldade que existe para fazer aquilo. Uma coisa que estava pensando e que, os homens, eles chegam a seleção, eles ganham muito dinheiro, mas é indiferente, se eles ganharem ou não, quando voltam eles vão continuar recebendo os mesmos salários do time em que jogam e as mulheres não. As mulheres, nós vamos para a seleção, jogamos, ganhamos uma ajuda de custo, voltamos para o nosso time, e não recebe nada, entendeu?! Por isso a gente tenta dar o nosso melhor, para continuar seguindo em frente, os homens não, eles dão o melhor deles, mas se eles fizerem uma coisa que não gostem ou que não foi o que eles queriam, eles vão continuar recebendo igual, salários tão altos que não muda em nada a vida deles.

P.J. – Rubi, eu queria te agradecer pela entrevista, colocar o Centro de Memória do Esporte a disposição também no que a gente puder te ajudar e se tu se lembrares de mais alguma, por favor, entre em contato conosco, obrigada.

R.K. – De nada.

[FINAL DA ENTREVISTA]